



Edição  
39

# Boletim de Conjuntura Industrial

## Editorial

Em meio ao turbilhão geopolítico que marca o cenário internacional de 2025, a indústria brasileira se vê novamente no epicentro de uma tempestade comercial. A decisão dos Estados Unidos de elevar para 50% as tarifas sobre o aço e o alumínio brasileiros não é apenas um golpe nos exportadores nacionais — é um alerta sobre nossa vulnerabilidade estrutural.

Empresas pilares da engenharia nacional, enfrentam dilemas, de custos que ultrapassam dezenas de milhões de dólares ou possível barateamento de insumos. E o impacto não se restringe às grandes corporações: toda a cadeia produtiva sofre, do fornecedor de sucata ao trabalhador da linha de montagem. A queda acentuada nos preços internos de metais, como o recuo de 30% na sucata, revela um mercado em desequilíbrio, pressionado por excesso de oferta e retração da demanda.

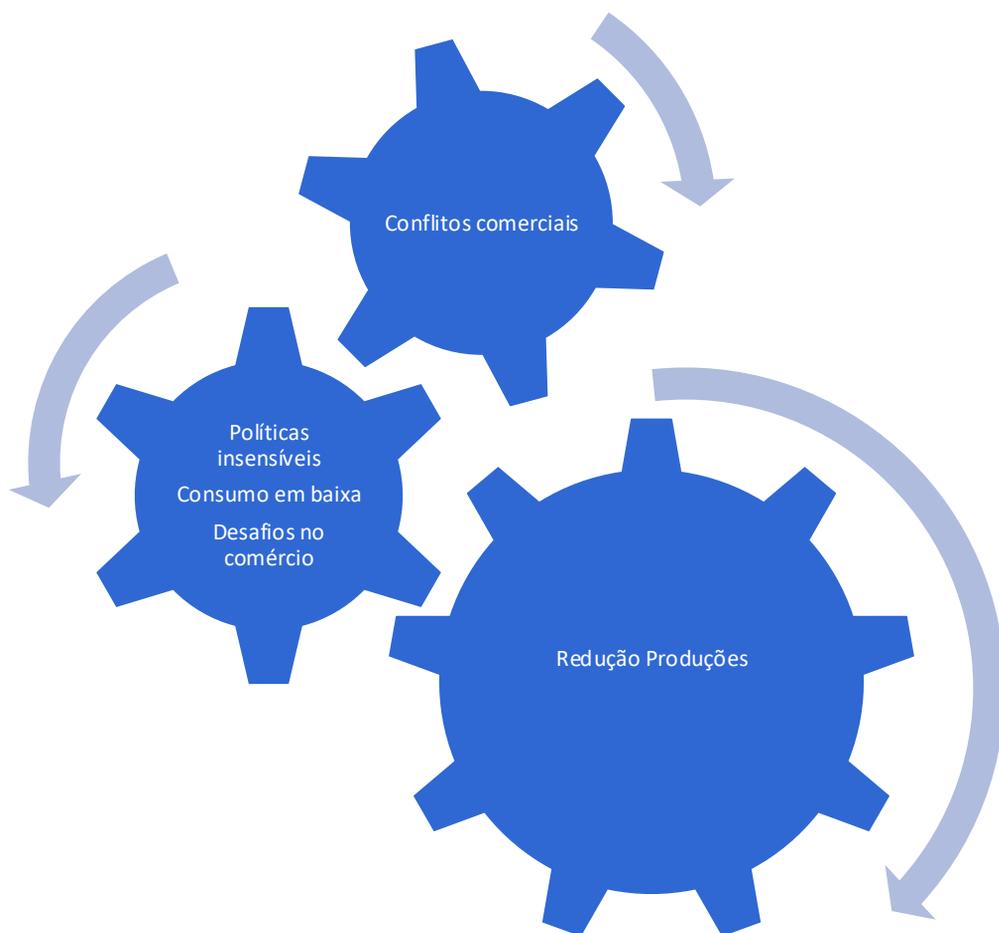
Ao mesmo tempo, indicadores como o IPP apontam para uma deflação na indústria de transformação, enquanto o INPC projeta alta no poder de compra do consumidor. Essa aparente contradição escancara a fragilidade da recuperação econômica: os preços caem não por eficiência produtiva, mas por falta de dinamismo.

O setor de bens de capital, termômetro da confiança empresarial, segue instável. A produção patina diante de juros elevados e incertezas políticas. Já os bens de consumo duráveis ensaiam uma recuperação tímida, ameaçada por crédito restrito e inflação persistente.

Diante desse cenário, o Brasil precisa mais do que medidas paliativas. É urgente repensar sua política industrial, fortalecer cadeias produtivas locais e diversificar mercados. A dependência de poucos parceiros comerciais nos torna reféns de decisões externas — e a resposta não pode ser apenas diplomática, mas estratégica.

A indústria brasileira tem talento, capacidade e história. Mas precisa de um projeto de país que a coloque no centro do desenvolvimento, e não à margem das disputas globais.

## Release



## Pesquisa aponta impactos do tarifaço nas PMEs do país

Para avaliar o impacto das novas tarifas de importação dos EUA sobre as pequenas e médias empresas (PMEs), o Grupo X, hub de educação empresarial, realizou uma pesquisa que mapeou as principais preocupações e reações do setor. O levantamento revela um cenário de alerta e rápida mobilização entre os empresários, que buscam se adaptar ao novo e desafiador ambiente de negócios.

As novas tarifas de importação impostas pelos Estados Unidos acenderam um alerta para as pequenas e médias empresas (PMEs) brasileiras, especialmente no setor industrial. A pesquisa do Grupo X revela que 63% das PMEs temem impactos diretos da medida sobre seu faturamento e competitividade. Em resposta, 82% já estão adotando medidas de qualificação e melhoria de gestão para se adaptar ao novo cenário.

A pressão é sentida de forma mais imediata pelas PMEs por operarem com margens menores e terem menos acesso a crédito

competitivo, em um ambiente já desafiador de juros altos. Na indústria de transformação, setor vital para o estado de São Paulo, empresários relatam a necessidade urgente de renegociar contratos e buscar mercados alternativos para evitar quedas abruptas nas receitas. A crise expõe fragilidades históricas no planejamento e na gestão de riscos dessas empresas.

Os reflexos já são concretos: 35% das PMEs exportadoras registraram queda nos pedidos desde o anúncio das tarifas, e 22% admitem a possibilidade de suspender temporariamente as operações voltadas ao mercado norte-americano. Segundo Jorge Kotz, CEO do Grupo X, o momento reforça que uma gestão robusta, planejamento estratégico e a diversificação de mercados não são mais diferenciais, mas sim pré-requisitos essenciais para a sobrevivência em um cenário de comércio internacional instável.

Fonte: GS1 Notícias

## Resultados do Índice de Inovação dos Estados em 2025

Com base no estudo da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC) e da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o Índice de Inovação dos Estados 2025 confirma a liderança de São Paulo pelo quinto ano consecutivo, destacando-se como o estado mais inovador do Brasil. A performance paulista é dominante em oito dos doze indicadores avaliados, incluindo Investimento Público em Ciência & Tecnologia, Capital Humano, Propriedade Intelectual e Empreendedorismo. O pódio nacional se mantém estável, com Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul consolidados na segunda e terceira posições, respectivamente.

No cenário regional, o Sudeste permanece como a região mais inovadora, seguida pelo Sul. O grande destaque desta edição, no entanto, é o Nordeste, que avançou para o terceiro lugar, superando o Centro-Oeste. Esse avanço foi impulsionado principalmente pelo forte desempenho em Sustentabilidade Ambiental, área em que a região ocupa a segunda posição nacional. Na análise individual, o Mato Grosso do Sul foi o estado que mais progrediu desde 2021, saltando da 16ª para a 11ª colocação no ranking geral.

Segundo o Observatório da Indústria Ceará, a liderança dos primeiros colocados se deve a bases estruturais sólidas, como infraestrutura, universidades de excelência e empresas de base tecnológica. Já a diretoria da CNI ressalta que o avanço do Nordeste demonstra o potencial transformador da região, revelando vocações em áreas como sustentabilidade e capital humano que devem ser fortalecidas com políticas consistentes.

O estudo se estrutura nas dimensões de Capacidades e Resultados, avaliando desde os recursos disponíveis até os impactos efetivos da inovação. Na análise detalhada, diversos estados apresentaram avanços notáveis em indicadores específicos. Destacam-se o Piauí, com forte evolução em Instituições e Sustentabilidade Ambiental; o Ceará, em Empreendedorismo e Competitividade Global; e Rondônia, que também registrou um dos maiores avanços em Competitividade Global.

Fonte: GS1 Notícias

## Boletim Focus – 22/08/2025

Ano	IPCA (%)	PIB (var. %)	CÂMBIO (R\$/US\$)	SELIC (% a.a.)
2025	4,86	2,18	5,59	15,00
Varição	<b>-0,23%</b>	<b>-0,05%</b>	<b>-R\$0,01</b>	<b>0,00%</b>
2026	4,33	1,86	5,64	12,50
Varição	<b>-0,11%</b>	<b>-0,03%</b>	<b>-R\$0,06</b>	<b>0,00%</b>

Varição em relação às últimas 4 semanas das expectativas do Boletim Focus.

Fonte: Banco Central.

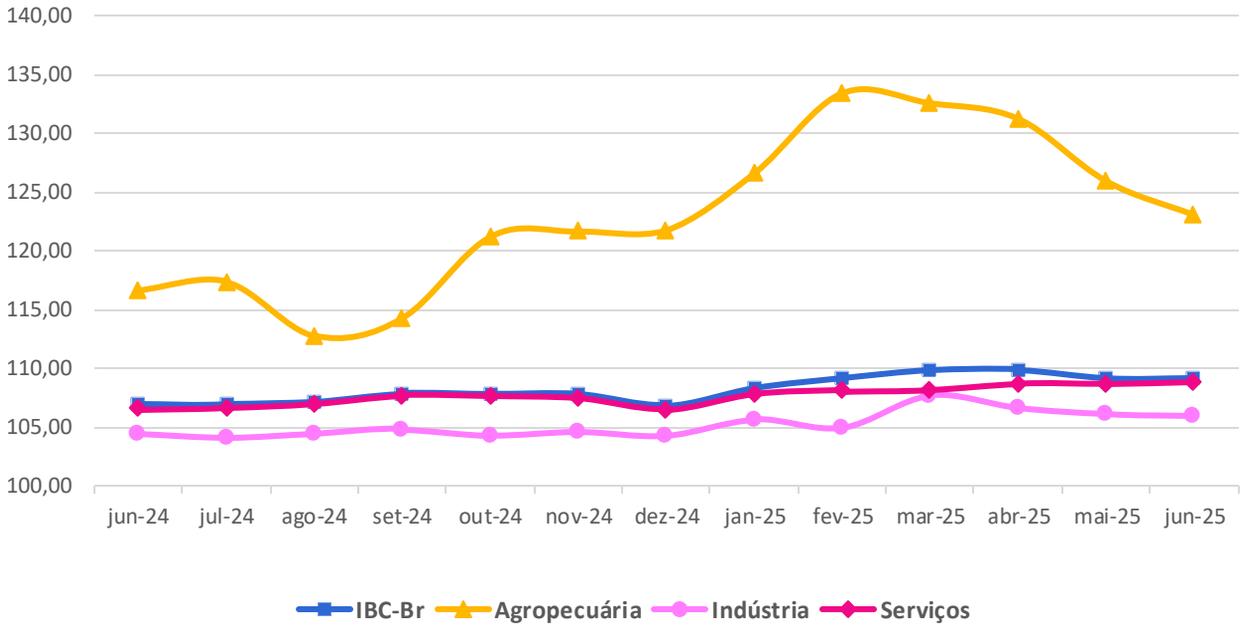
A edição do Boletim Focus de 22 de agosto elenca uma série de mudanças reduzindo as expectativas das principais variáveis macroeconômicas do país para o ano corrente e seguinte. A antevisão para o IPCA foi reduzida para 4,86%a.a, uma queda de 0,23p.p. relativos à quatro semanas atrás, sendo esse o nível mais baixo para o Índice de Preços desde o início do ano, estando agora abaixo de 5%a.a. essa redução se deve a uma política monetária contracionista e desaceleração inflacionária nos meses anteriores. As estimativas de produto e câmbio caíram levemente, com queda de 0,05p.p e 1 centavo de real, respectivamente. A taxa Selic manteve-se em 15% devido à sinalização do COPOM em manter essa meta da taxa de juros

até o fim do ano, com possíveis cortes esperados no ano seguinte.

Para o ano de 2026, as previsões do IPCA caíram 0,11p.p, já colocando o índice dentro da meta de inflação do Banco Central. Essa redução é devida ao otimismo recente com a eficiência do controle inflacionário do ano corrente. As expectativas para o produto e câmbio também foram reduzidas, em 0,03p.p. e 6 centavos de real, respectivamente. A taxa Selic está prevista em 12,5% ao ano para o final de 2026, sem alterações.

# Índice de Atividade Econômica (IBC-Br)

Índice de Atividade Econômica - (2022 = 100) - IBC-Br - Bacen



Fonte: Banco Central.

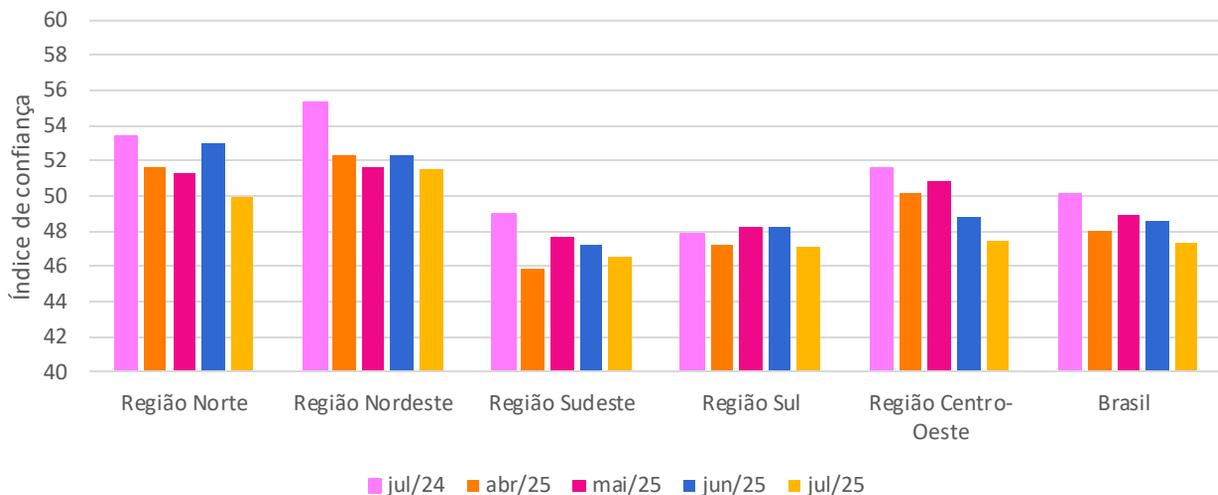
Em junho, houve uma queda de 0,10% na atividade econômica nacional, de acordo com o indicador elaborado pelo Bacen. No segundo trimestre de 2025, o resultado acumulou alta de 0,3%.

Entre os setores, destacou-se a queda de

2,3% da Agropecuária e de 0,1% do setor industrial. Já o indicador de serviços avançou em 0,1%. O resultado negativo surpreendeu agentes do mercado, como a agência Reuters, que projetava leve alta de 0,05% para o mês de junho.

# Índice de Confiança do Empresário Industrial

## ICEI - Região

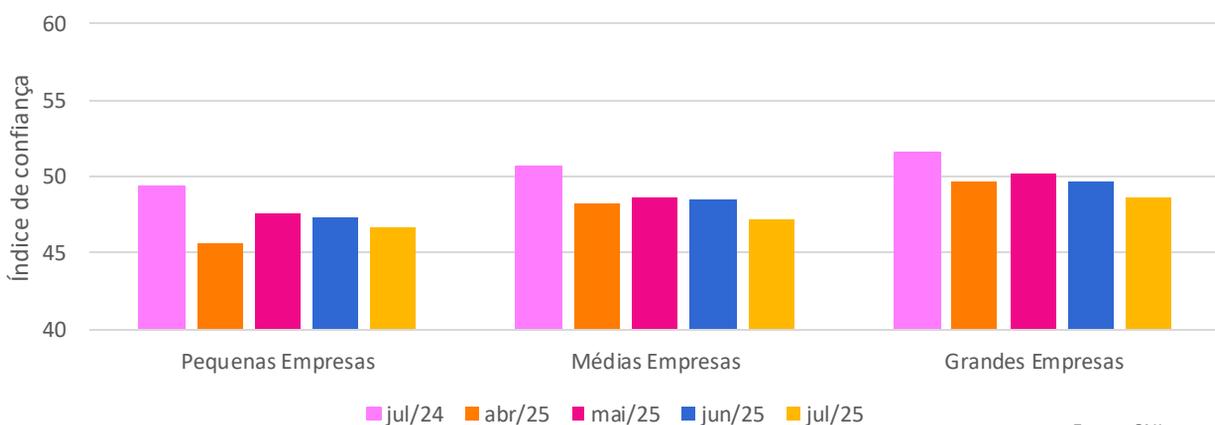


Fonte: CNI

Em julho, o índice de confiança do empresário industrial do Brasil apresentou queda de -1,30 ponto. No mês, houve redução da confiança em todas as cinco regiões: Norte (-3,00), Centro-Oeste (-1,30), Sul (-1,10), Nordeste (-0,80) e Sudeste

(-0,60). Dessa forma, apenas o Nordeste permaneceu acima do parâmetro de confiança positiva de 50 pontos.

## ICEI - Porte de Empresas

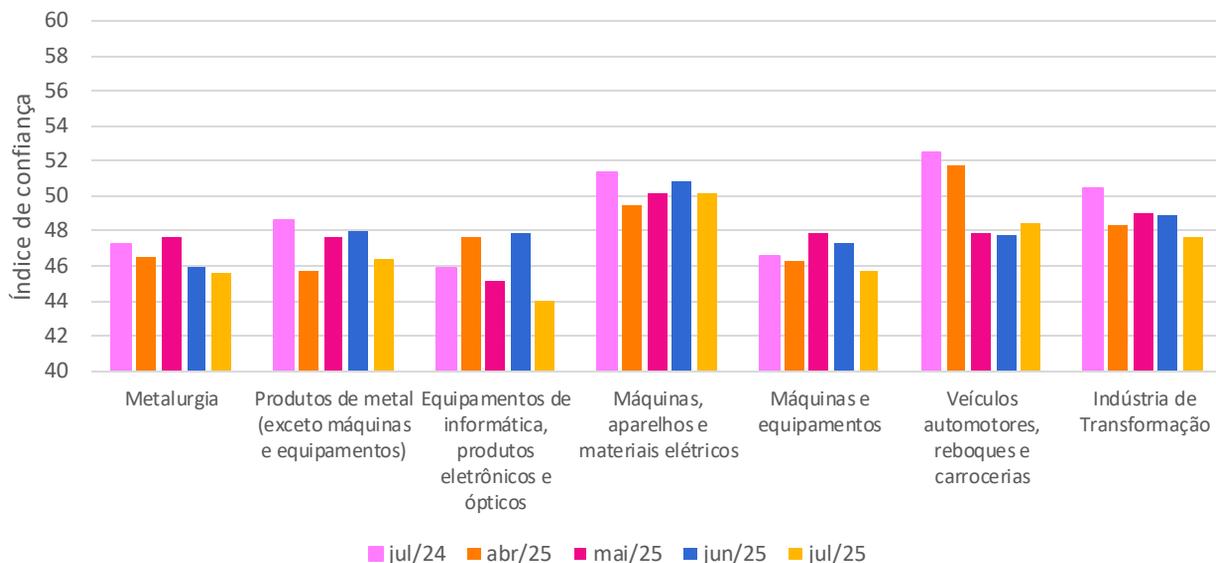


Fonte: CNI

Em julho, houve queda da confiança em todos os portes de empresa. As variações foram de -1,10 ponto nas Grandes Empresas, -1,30 ponto nas médias e -0,70 nas empresas de

pequeno porte. Com o resultado, todos os portes seguem com a confiança abaixo do parâmetro de 50 pontos, mantendo o cenário pessimista.

### ICEI - Setores de transformação

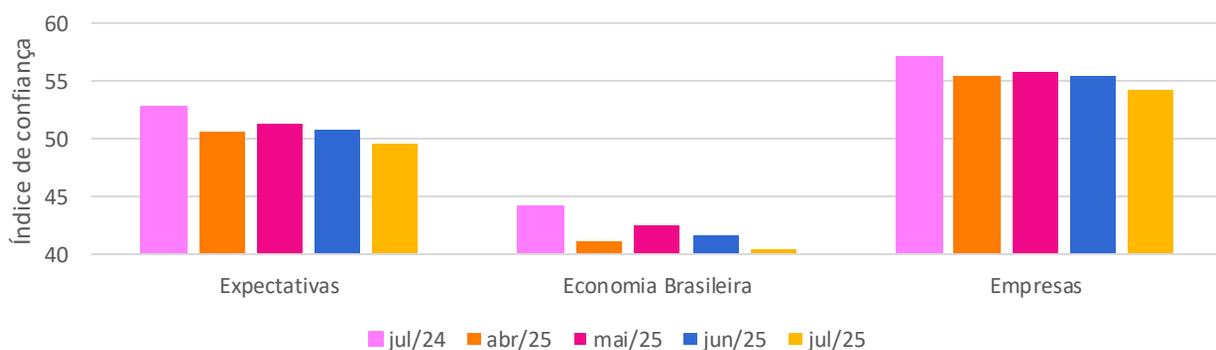


Fonte: CNI

Em junho, houve queda de 1,20 ponto na confiança da Indústria de Transformação. Entre os subsetores analisados, apenas o de Veículos automotores apresentou avanço, de 0,70 ponto. Houve retração em Equipamentos de informática (-3,90), Produtos de metal (-1,60), Máquinas e

equipamentos (-1,60), Máquinas, aparelhos e materiais elétricos (-0,60) e Metalurgia (-0,40). Dessa forma, apenas o subsetor de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos permaneceu acima do parâmetro de confiança.

### ICEI - Expectativas



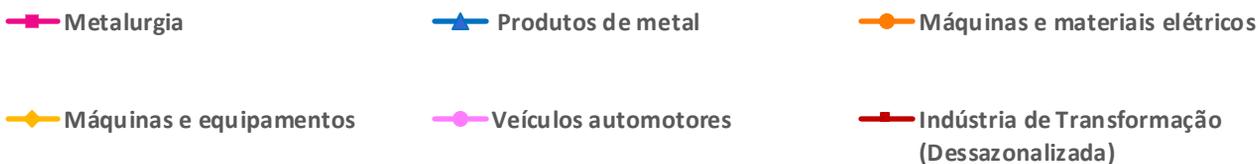
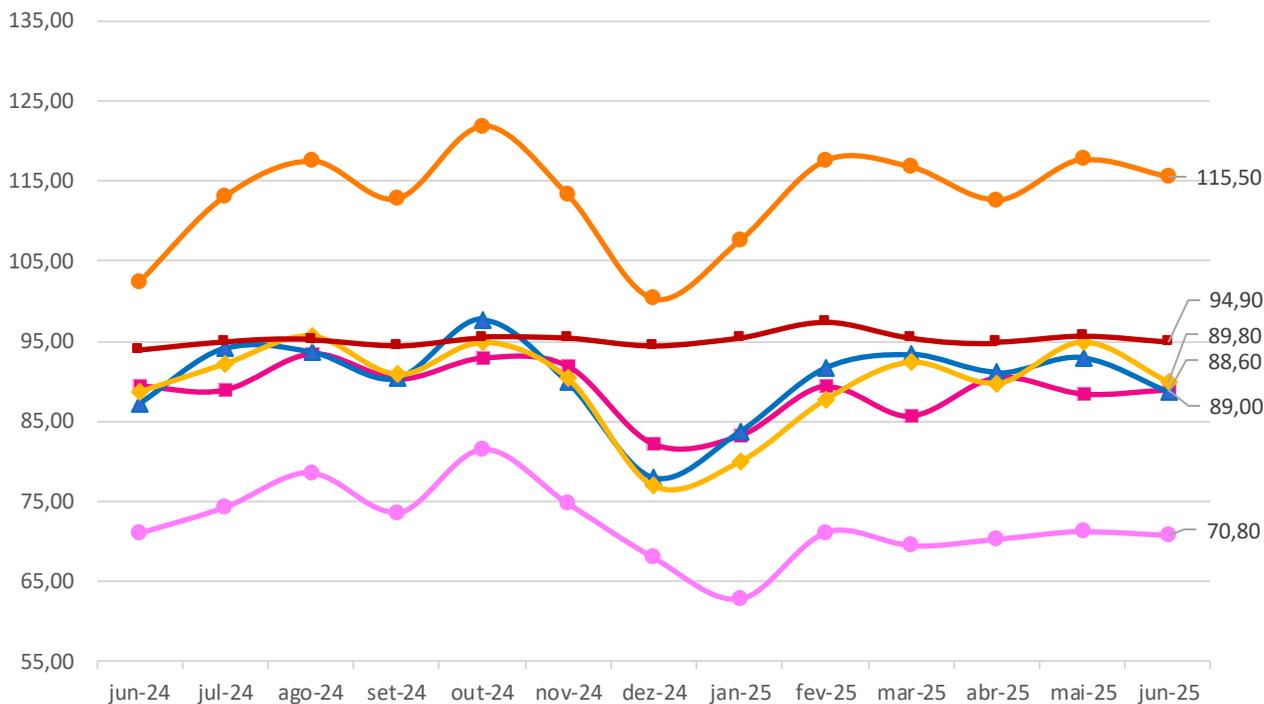
Fonte: CNI

Em julho, o índice de expectativas do empresário industrial para os próximos 6 meses apresentou queda de -1,20 ponto. As expectativas em relação à economia brasileira e ao cenário interno das empresas no mesmo

período também registraram quedas de -1,20 ponto. Com o resultado, apenas a expectativa em relação ao cenário interno das empresas continua em patamar otimista.

# Horas trabalhadas na produção

Horas trabalhadas na produção - base fixa - Brasil - CNI



Fonte: CNI

O índice de horas trabalhadas na Indústria de Transformação brasileira apresentou queda de 0,73% em junho, segundo o indicador elaborado pela Confederação Nacional da Indústria. Em relação ao mesmo período do ano anterior, houve avanço de 0,96% na série dessazonalizada.

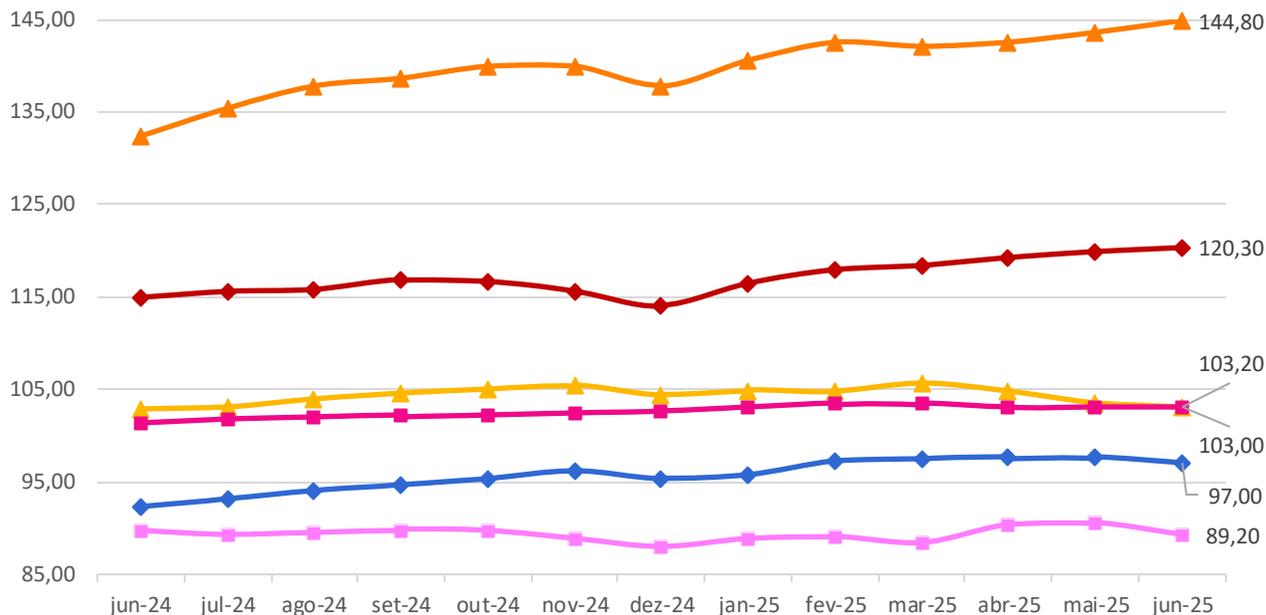
Entre os cinco subsetores analisados, apenas um apresentou avanço, com os seguintes resultados mensais:

- **Metalurgia:** 0,68%;
- **Veículos automotores:** -0,56%;
- **Máquinas e materiais elétricos:** -1,87%;
- **Produtos de metal:** -4,63%;
- **Máquinas e equipamentos:** -5,27%.

No acumulado do ano de 2025, houve queda de 0,63% nas horas trabalhada.

# Emprego Industrial

Emprego industrial - base fixa - Brasil - CNI



■ Metalurgia                      ▲ Produtos de metal                      ▲ Máquinas e materiais elétricos  
◆ Máquinas e equipamentos                      ◆ Veículos automotores                      ■ Indústria de Transformação (Dessazonalizada)

Fonte: CNI

O índice de emprego do setor da Indústria de Transformação apresentou estabilidade no mês de junho, segundo dados divulgados pela CNI.

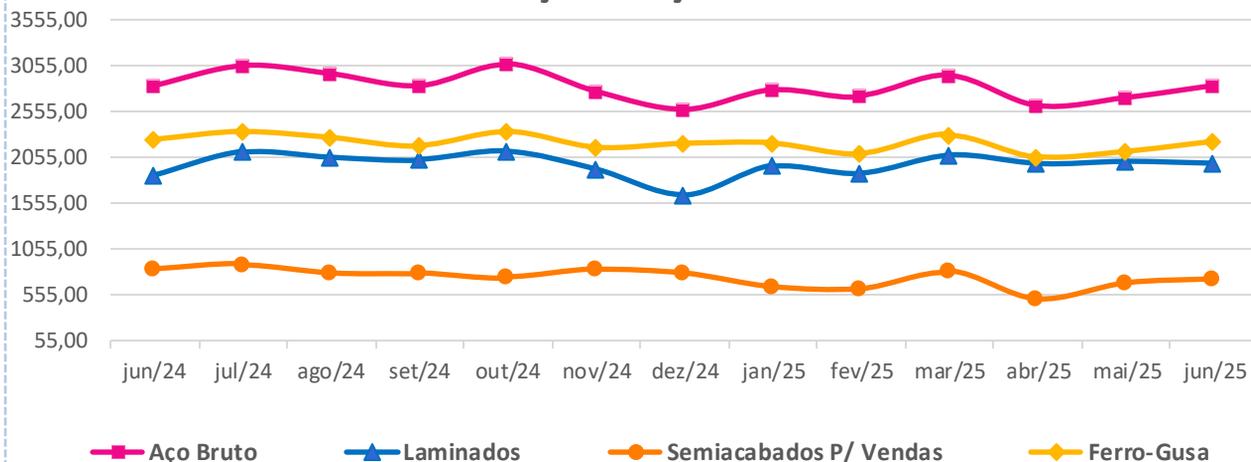
Entre os subsetores estudados, apenas dois registraram variações positivas. Os resultados foram:

- **Máquinas e materiais elétricos:** 0,84%;
- **Máquinas e equipamentos:** 0,42%;
- **Produtos de metal:** -0,58%;
- **Veículos automotores:** -0,72%;
- **Metalurgia:** -1,44%.

Em relação ao mês de junho do ano anterior, o índice de emprego industrial subiu 1,78%. No acumulado do ano, o resultado é ligeiramente positivo, com avanço de 0,19%

## Produção de aço

### Produção de Aço no Brasil



Fonte: Aço Brasil

Em junho de 2025, a produção de aço bruto no Brasil somou 2.836 mil toneladas, uma queda de 0,5% frente a junho de 2024. No acumulado de janeiro a junho, o volume produzido alcançou 16.5 mil toneladas, crescimento de 0,5% na comparação com o mesmo período do ano passado.

A fabricação de laminados totalizou 2 mil toneladas no mês, representando uma diminuição de 1% sobre maio, mas um aumento de 5,2% em relação a junho do ano passado. A produção de semiabados para vendas foi de 730 mil toneladas, registrando alta mensal de 6,2%, mas uma queda de 13,3% em relação ao mesmo período em 2024. Já o ferro-gusa alcançou 2.241 mil toneladas, uma variação negativa de 0,4% na comparação anual.

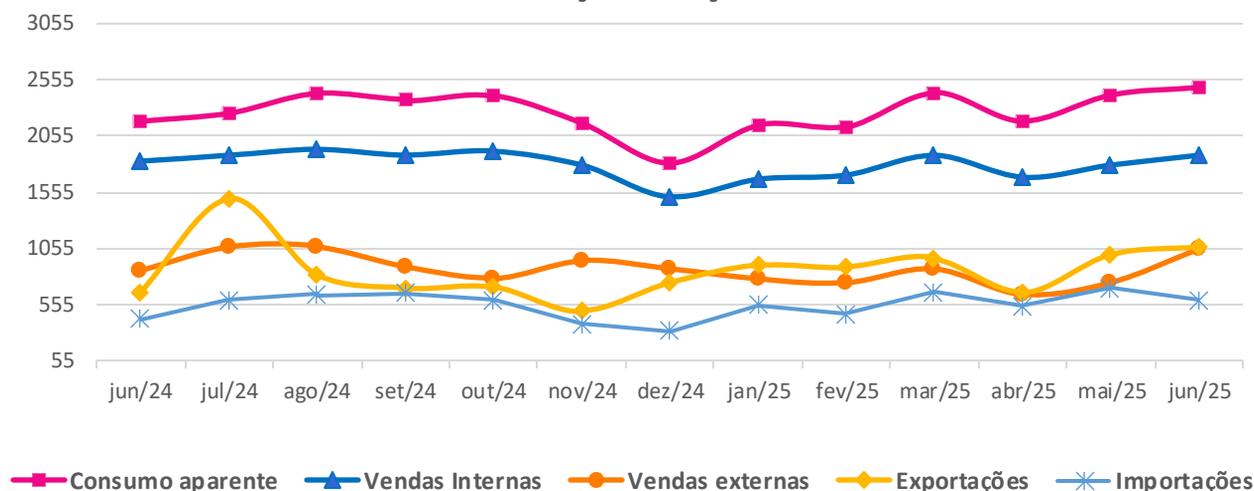
O desempenho de junho reflete uma dinâmica de crescimento da demanda interna, com as vendas no mercado doméstico atingindo 1,9 milhão de toneladas e o consumo aparente

chegando a 2,5 milhões de toneladas. Apesar da expansão, o cenário ainda exige atenção, pois o aumento expressivo das importações continua a pressionar a indústria nacional.

De modo geral, o desempenho mensal foi notável, com um crescimento total de 62,8% no volume exportado em comparação com junho de 2024. Esse avanço foi impulsionado por um redirecionamento expressivo das vendas, no comparativo anual, as exportações para a América do Norte cresceram 75,3%, enquanto os embarques para a Europa registraram uma alta de 2.335,9%. Essa mudança de foco, que elevou a participação conjunta desses mercados para 88,1% do total exportado no mês, sinaliza a busca por novas oportunidades e a adaptação do setor siderúrgico brasileiro a um cenário global volátil.

## Indústria Siderúrgica

### Comercialização de Aço no Brasil



Fonte: Aço Brasil

O Instituto Aço Brasil apresentou os dados de comercialização de produtos siderúrgicos referentes a junho de 2025. O consumo aparente atingiu 2,5 milhões de toneladas, um aumento de 13,4% em relação a junho de 2024, indicando a continuidade do aquecimento na demanda total do mercado.

As vendas internas totalizaram 1,9 milhão de toneladas, com um avanço de 2,2% na comparação com o mesmo mês de 2024, o que reforça a performance positiva da demanda doméstica. Em contrapartida, a taxa de penetração das importações alcançou 24,1% em junho, um patamar consideravelmente superior aos 15,9% registrados no mesmo período do ano anterior, evidenciando o crescente peso dos produtos estrangeiros no abastecimento do país.

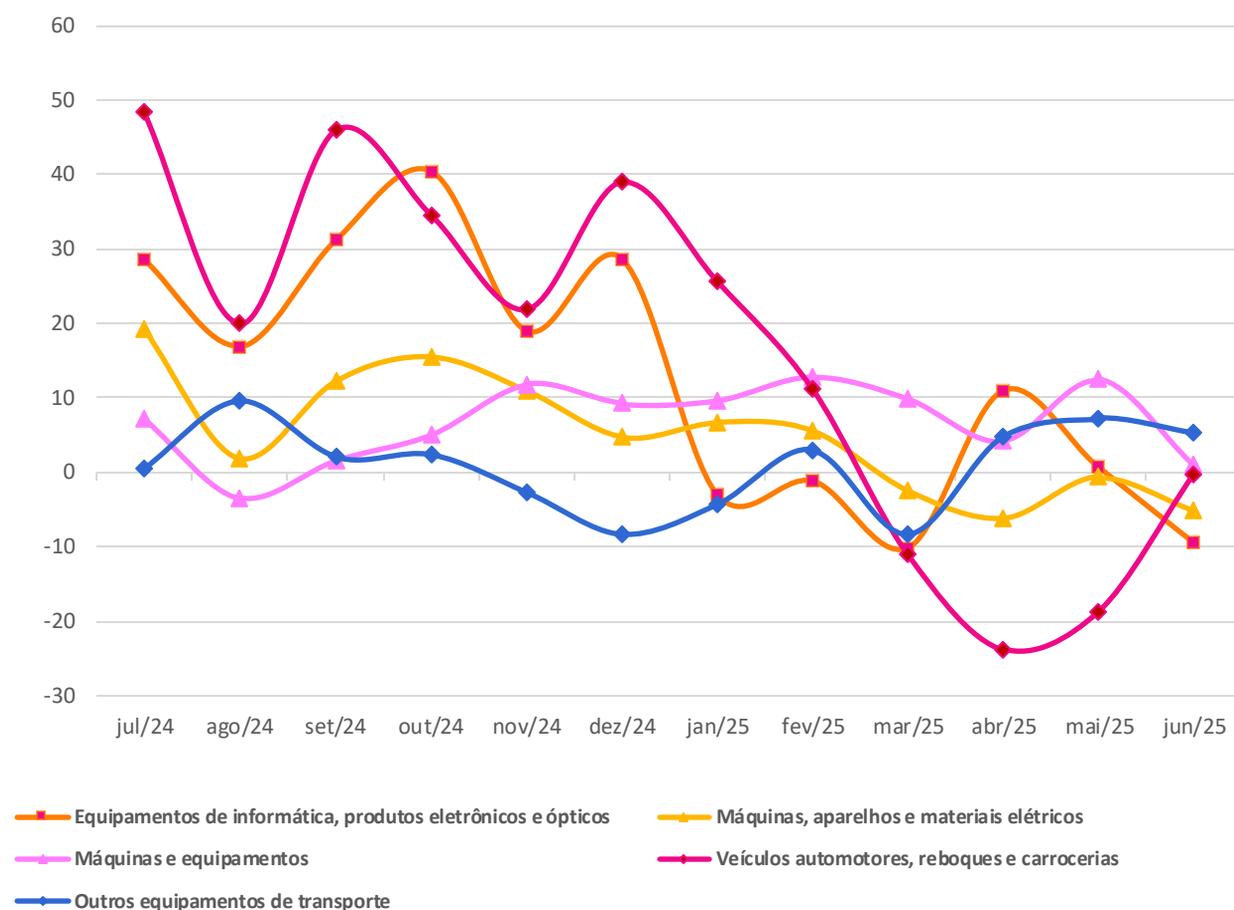
As exportações somaram 1,1 milhão de toneladas, uma elevação de 62,8% frente a junho de 2024. Enquanto isso, as importações seguiram

em forte expansão, totalizando 596 mil toneladas, um crescimento de 39,2% na comparação anual. A elevada competitividade dos produtos importados, sobretudo os provenientes da Ásia, exerce pressão sobre os preços no mercado interno e contribui para a ociosidade da capacidade instalada da indústria nacional.

Diante do cenário apresentado até junho, o setor siderúrgico brasileiro já se encontrava em estado de alerta. Apesar dos sinais positivos no consumo doméstico, o aumento persistente das importações e a instabilidade da demanda externa reforçavam a urgência de medidas de defesa comercial.

# Indicadores de Produção Nacional

## Bens de Capital



Fonte: IBGE

Em junho de 2025, a produção de bens de capital registrou resultados variados entre os segmentos. O principal recuo do mês veio do setor de Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos, que apresentou queda expressiva de 9,4%. Também tiveram desempenho negativo os segmentos de Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, com retração de 5,1%, e de Veículos automotores, reboques e carrocerias, que registrou leve baixa de 0,3%.

Por outro lado, alguns setores apresentaram crescimento. O destaque positivo foi o segmento de Outros equipamentos de transporte, que avançou 5,4% no mês. Já o setor de Máquinas e equipamentos registrou variação positiva mais modesta, de 1,1%.

## Indicadores de Produção Nacional – Bens de Capital

A redução na produção física de bens de capital no Brasil tem sido resultado de uma combinação de fatores econômicos e estruturais que afetam diretamente os investimentos empresariais. Um dos principais elementos é a política monetária mais rígida, com elevação da taxa básica de juros (Selic), que encarece o crédito e desestimula a aquisição de máquinas e equipamentos. Esse cenário é agravado pela baixa confiança dos empresários, que enfrentam dificuldades para obter financiamento diante de um ambiente de risco elevado e níveis de endividamento ainda significativos.

Além disso, a desaceleração da atividade econômica contribui para a menor demanda por bens de capital, já que esses produtos estão diretamente ligados às expectativas de crescimento e à disposição para investir. A instabilidade no mercado internacional também influencia negativamente, afetando as

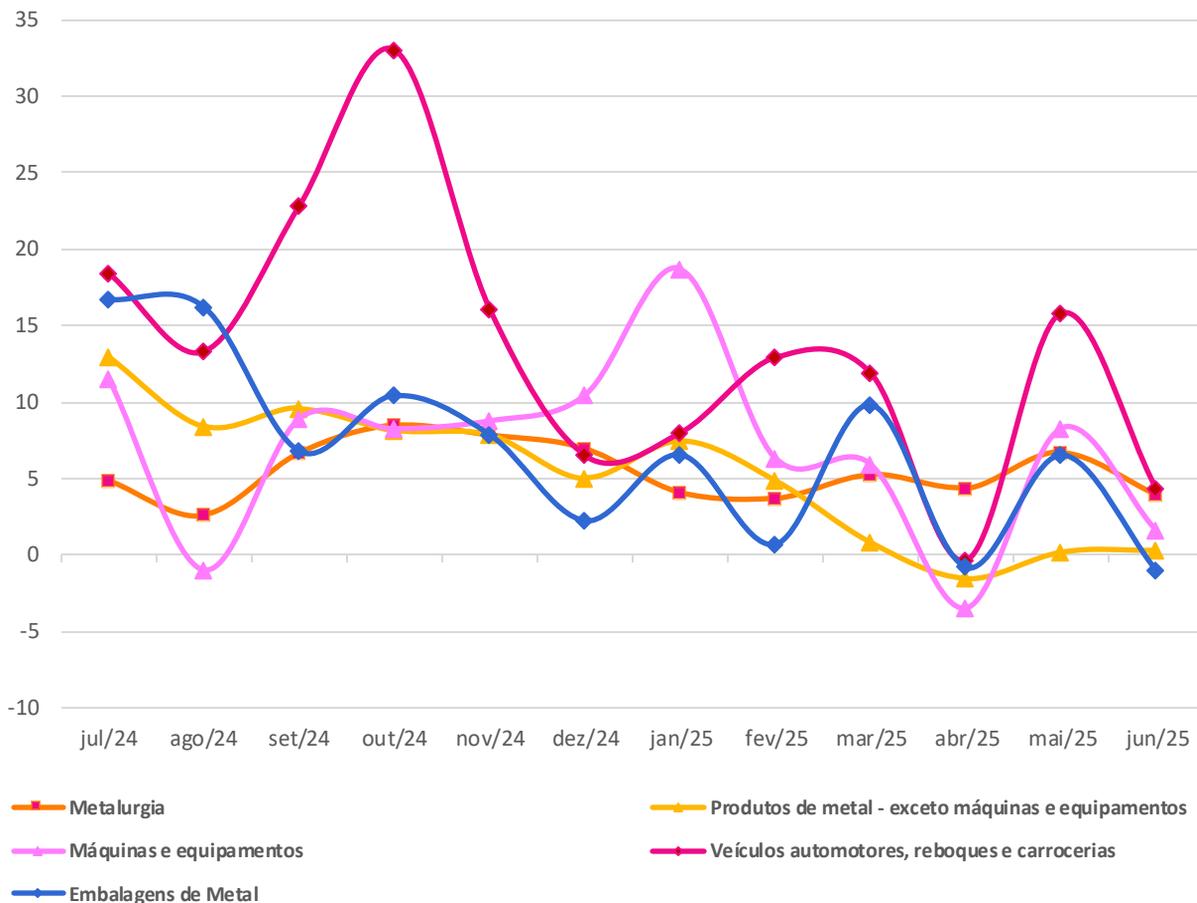
exportações e a competitividade da indústria nacional, especialmente em um contexto de valorização cambial.

Outro ponto relevante é que parte do crescimento observado em períodos anteriores foi impulsionado por uma base de comparação deprimida, o que distorce a percepção de recuperação. No entanto, os dados mais recentes indicam que essa retomada perdeu força, evidenciando que os desafios estruturais continuam presentes.

Em síntese, a retração na produção de bens de capital reflete um ambiente de crédito restrito, baixa confiança empresarial, limitações financeiras e uma economia que ainda não recuperou plenamente sua capacidade de investimento. Esses fatores combinados explicam a queda na atividade do setor.

# Indicadores de Produção Nacional

## Bens Intermediários



Fonte: PIMPF

Em junho de 2025, a produção de bens intermediários manteve desempenho positivo na maioria dos segmentos analisados, embora a taxa de crescimento se reduziu em relação ao mês anterior. O setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias foi o principal destaque, com crescimento de 4,3%. Também apresentaram resultados positivos os segmentos de Metalurgia (4,0%), Máquinas e equipamentos (1,6%) e Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos (0,3%).

Por outro lado, apenas o setor de Embalagens de metal registrou retração no mês, com queda de 1,0%.

## Indicadores de Produção Nacional – Bens Intermediários

A retração na produção física de bens intermediários no Brasil reflete um conjunto de fatores que têm impactado a dinâmica industrial de forma ampla e persistente. Esses bens, que servem como insumos para a fabricação de produtos finais, são diretamente influenciados pelo ritmo da atividade econômica e pelas decisões de investimento das empresas. Nos últimos trimestres, a demanda por esses produtos tem enfraquecido, em parte devido à desaceleração do consumo e à cautela dos setores produtivos diante de um cenário de juros elevados e incertezas macroeconômicas.

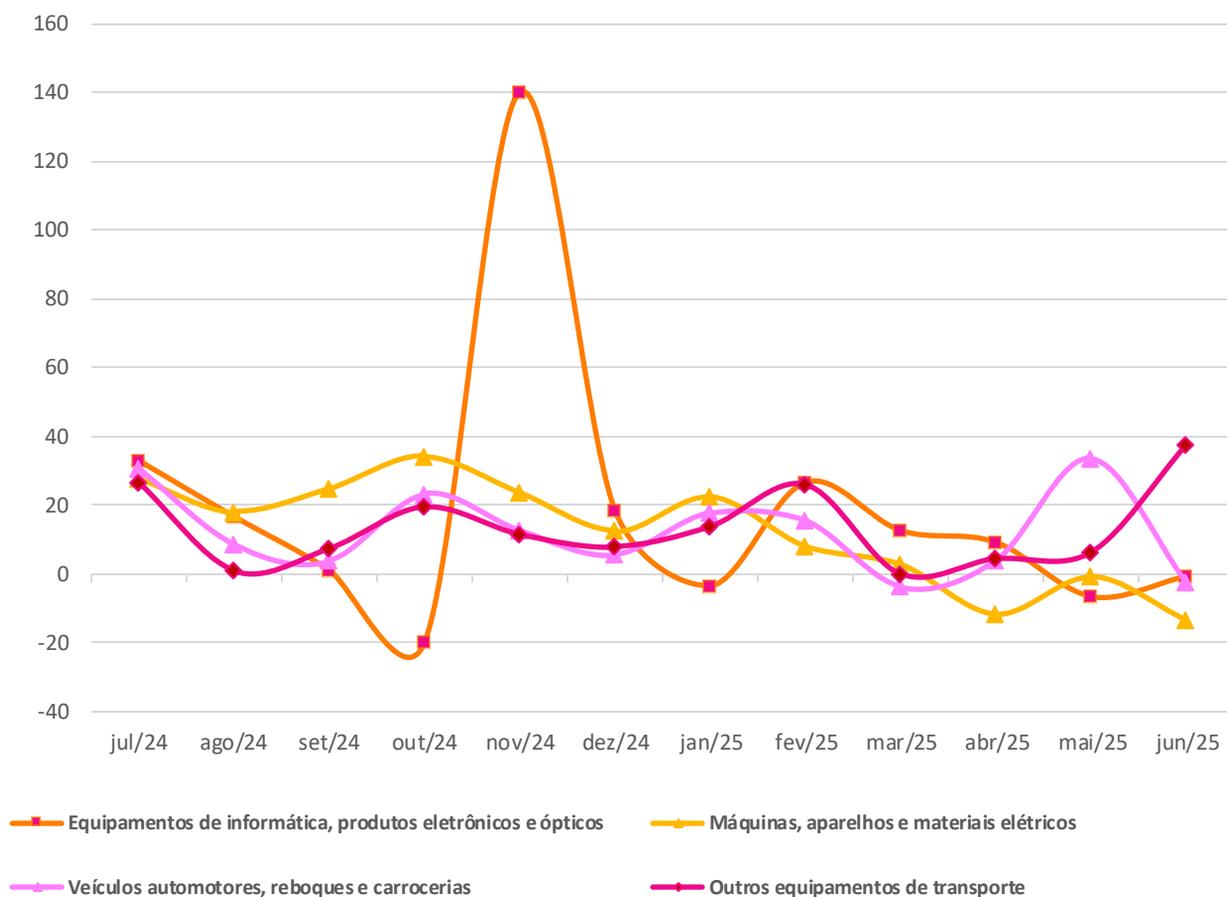
Além disso, a recomposição de estoques realizada em períodos anteriores reduziu a necessidade de novas encomendas, gerando um efeito de contenção na cadeia produtiva. A valorização do real frente ao dólar também contribuiu para tornar alguns insumos importados mais caros, pressionando os custos e desestimulando a produção local. Em paralelo, segmentos como químicos, metalurgia e papel e celulose enfrentaram desafios específicos, como flutuações nos preços internacionais, gargalos logísticos e ajustes operacionais que limitaram a capacidade de resposta da indústria.

Outro ponto relevante é a fragmentação da recuperação industrial, que tem ocorrido de forma desigual entre os setores. Enquanto algumas áreas mostram sinais de retomada, outras ainda operam abaixo do potencial, o que compromete a demanda por bens intermediários de forma geral. Esse descompasso entre oferta e demanda, somado à instabilidade nos mercados externos e à redução de investimentos em infraestrutura, ajuda a explicar a queda observada na produção desses insumos.

Em síntese, a retração dos bens intermediários é resultado de uma combinação de fatores internos e externos que afetam tanto a oferta quanto a demanda, revelando a sensibilidade do setor às oscilações econômicas e à complexidade das cadeias produtivas.

# Indicadores de Produção Nacional

## Bens de Consumo



Fonte: PIMPF

Em junho de 2025, o setor de bens de consumo apresentou desempenho bastante desigual entre os segmentos analisados. O principal destaque positivo foi o segmento de Outros equipamentos de transporte, que registrou forte crescimento de 37,8%, liderando os avanços do mês.

Por outro lado, três setores apresentaram retração. O maior recuo foi observado em Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, com queda expressiva de 13,5%. O segmento de Veículos automotores, reboques e carrocerias

também teve desempenho negativo, com baixa de 2,1%, enquanto os Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos registraram variação praticamente estável, mas ainda em terreno negativo, com redução de 0,5%.

## Indicadores de Produção Nacional – Bens de Consumo

A produção de bens de consumo duráveis no Brasil tem mostrado sinais de recuperação, embora ainda enfrente oscilações. Após um período de retração causado por juros elevados e queda na confiança dos consumidores, o setor voltou a crescer, impulsionado principalmente pelo aumento do crédito e pela demanda reprimida. Segmentos como automóveis, eletrodomésticos e móveis têm se destacado, beneficiados por condições mais favoráveis de financiamento e pela melhora gradual da renda das famílias.

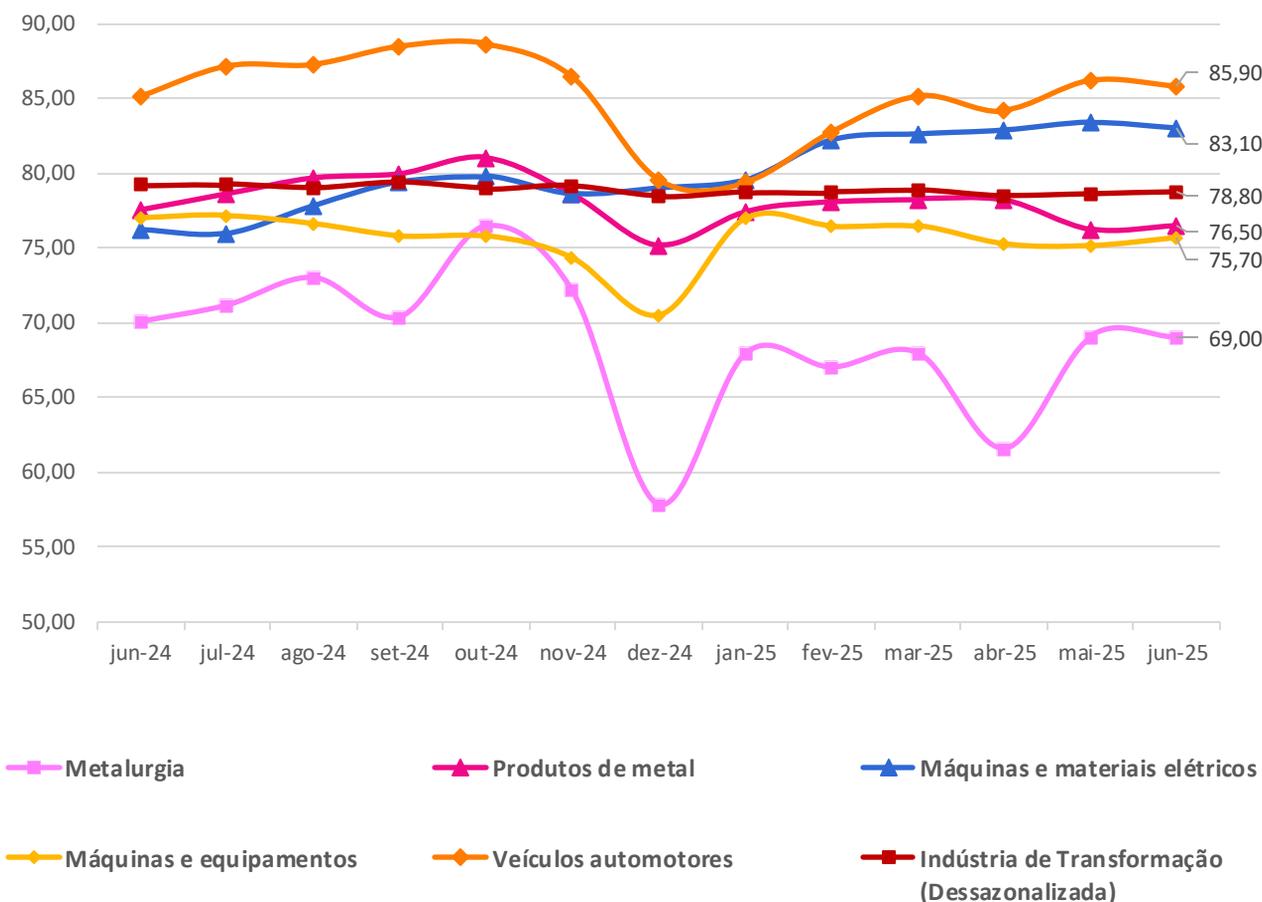
Apesar desse avanço, o ritmo de crescimento permanece vulnerável a fatores macroeconômicos. A elevação das taxas de juros em 2025, por exemplo, tende a encarecer o crédito e limitar o consumo parcelado, o que pode frear novas compras. Além disso, a inflação e a instabilidade no mercado de trabalho continuam afetando o poder de compra e a disposição dos consumidores em adquirir produtos de maior valor.

Outro ponto que influencia os dados é a base de comparação. Como a produção esteve bastante reduzida nos anos anteriores, parte do crescimento atual reflete apenas uma recomposição, e não necessariamente uma expansão sustentada. Ainda assim, o setor de bens duráveis tem papel importante na geração de empregos e na movimentação de cadeias produtivas, sendo considerado estratégico para a retomada da atividade industrial.

Em resumo, o comportamento da produção de bens de consumo duráveis revela uma recuperação moderada, apoiada por crédito e demanda acumulada, mas ainda sujeita a limitações impostas pelo cenário econômico e pela confiança do consumidor.

## Utilização da Capacidade Instalada

Utilização da Capacidade Instalada – percentual médio - Brasil - CNI



Fonte: CNI

A Utilização da Capacidade Instalada (UCI), indicador de produtividade elaborado pela CNI, apresentou avanço de 0,10% em junho de 2025. Entre os subsetores analisados, três apresentaram queda. Os resultados mensais foram:

- **Máquinas e equipamentos:** 0,50%
- **Produtos de metal:** 0,20%
- **Metalurgia:** -0,10%
- **Máquinas e materiais elétricos:** -0,30%
- **Veículos automotores:** -0,40%

Em comparação com o mês de junho do ano anterior, houve queda de 0,5% na UCI. Em relação ao início do ano, o resultado de junho representa estabilidade. Em contrapartida, na análise setorial anual, continua a destacar-se o desempenho do setor de Máquinas e materiais elétricos (6,90%).

## Indicadores de Preço

Aço Nacional							
Indicadores (%)	ago. prev.	jul	jun	mai	abr	mar	12m. Ac
BQ	0	-1,92	-5	-2,32	-0,07	-1,98	-4,82
BF	-0,05	-2,26	-6	-2,03	-0,22	-0,24	-2,9
CG	0	-0,93	-5,3	-2,67	-0,14	-1,97	-3,98
Zincado	-0,02	-0,95	-6	-1,59	-0,16	-0,08	-4,49
Galvalume	0,09	-2,23	-4,98	-1,77	2,15	-2	9,73
Xadrez	0,01	-	-5	-2,68	-0,22	-1,98	-3,35
Arame	0	-0,84	-0,44	0	-0,22	0	-1,4
Barra Chata	-0,01	0	-3,96	0	-0,06	-0,06	2,59
Barra Redonda	-0,06	0,13	-3,92	0	-0,07	0	3,05
Cantoneira	0	0	-4	-0,06	-0,06	0	-0,26
Perfil I	0	0	-3,96	-0,14	0	-0,07	0,91
Perfil UDC	-0,02	-1,06	-4,64	-2,55	0	-2,02	-2,3
Prego	0	0	-0,09	0	-0,09	0	0,09
Tela	0	-0,44	-4,26	-1,47	2,36	-3,02	-8,66
Telha	0	-0,18	-3	-0,07	0,07	-0,4	-1,4
Tubo	-0,02	-1,16	-5,63	-2,56	0	-0,1	0,16
Vergalhão	0,03	0	-3,74	-4,01	-0,98	-2,05	-11,51
Chapa Inox	0	-4,01	-0,65	0	-2,11	0	4,98
Barra Inox	0	-2	-1,37	-0,87	0	0,02	10,04
Cantoneira Inox	-0,02	-2,78	-0,5	0	-1,89	0,25	3,35
Tubo Inox	0	-2,7	-1,29	0	0	0,09	3,14
Sucata	-2,51	-5,31	-10	-9,66	-3,96	-8,83	-30,06
Aço Importado							
Indicadores (%)	ago. prev.	jul	jun	mai	abr	mar	12m. Ac
HRC	-	4,16	-0,07	-2,53	-1,16	-0,97	-7,04
CRC	-	1,04	-0,83	-3	-0,73	-1,08	-8,1
HDG	-	2,68	-0,65	-1,22	-0,58	1,36	-6,13
Plate	-	2,75	-0,29	-1,24	-0,98	0,29	-7,95
Rebar	-	2,12	-0,68	1,42	0,73	-0,88	2
Wire rod	-	2,12	-0,67	1,4	0,74	-0,85	1,59

Fonte: INFOMET

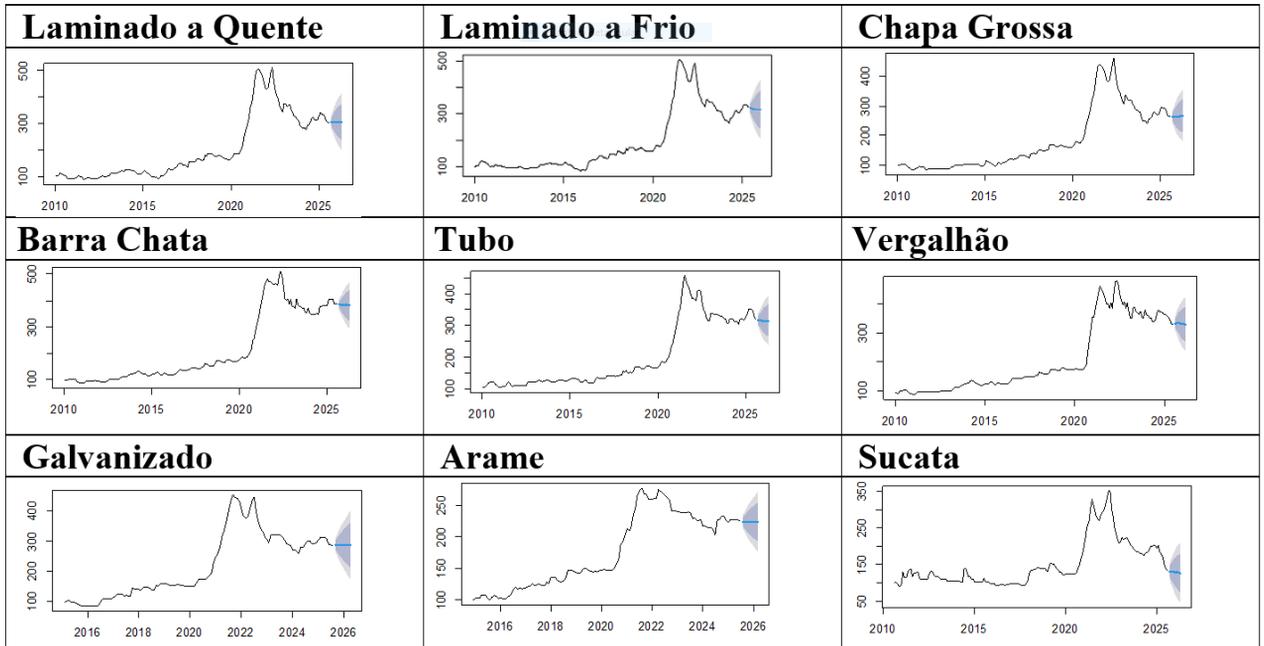
Os dados da tabela mostram que, em agosto, a maioria dos produtos siderúrgicos nacionais manteve estabilidade ou apresentou pequenas variações negativas, refletindo um movimento de desaceleração que já vinha sendo observado nos meses anteriores. As quedas mais expressivas ocorreram nos meses de junho e

julho, quando diversos aços planos e longos — como bobinas a quente (BQ), bobinas a frio (BF), chapas grossas (CG), galvanizados e vergalhões — registraram recuos entre 3% e 6%, enquanto a sucata metálica acumulou forte retração, superando 30% em 12 meses.

O comportamento observado está ligado a fatores como excesso de estoques no mercado interno, que reduz o poder de repasse das usinas; demanda interna mais fraca em alguns segmentos industriais e da construção; e queda nas cotações internacionais do minério de ferro e do aço, pressionadas por menor atividade global e

aumento da concorrência de importados. Além disso, o câmbio e o impacto de tarifas externas — como o tarifaço dos EUA — influenciam expectativas, mas, no curto prazo, o principal vetor de baixa foi o ajuste de preços para equilibrar oferta e demanda no mercado doméstico.

## Previsão de Preços do Aço

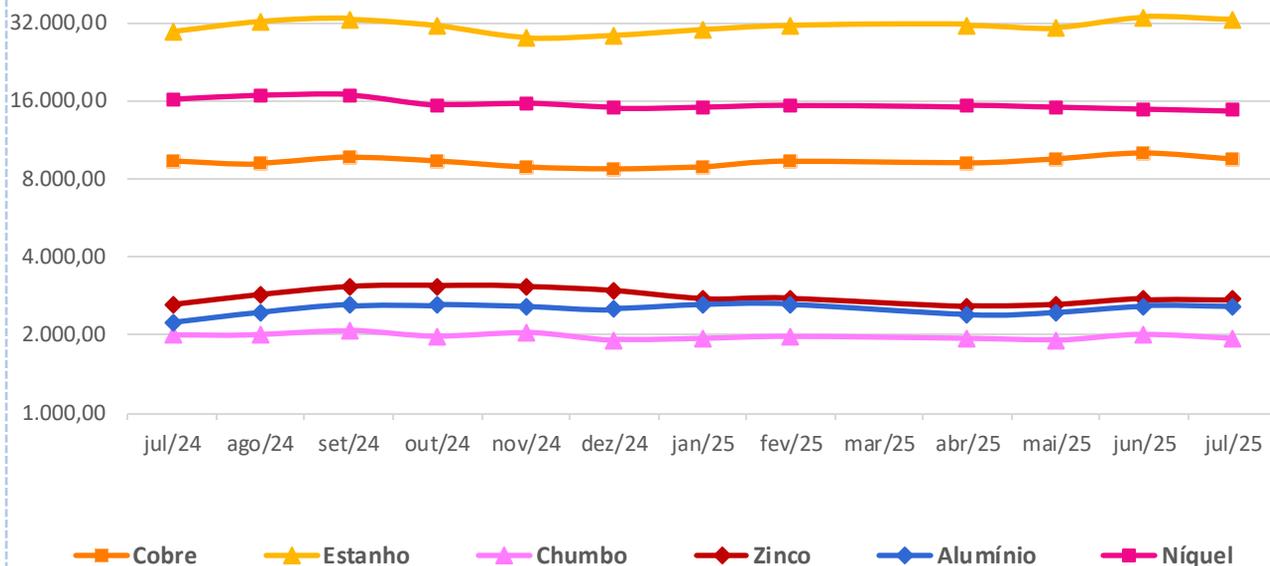


As constantes incertezas no cenário econômico e os impactos da política comercial internacional continuam a influenciar as previsões

de preços para as diferentes categorias de aço, sugerindo tendências de queda ou estabilidade.

## Preço dos metais

Preço dos Metais (LME)



Fonte: Westmetall

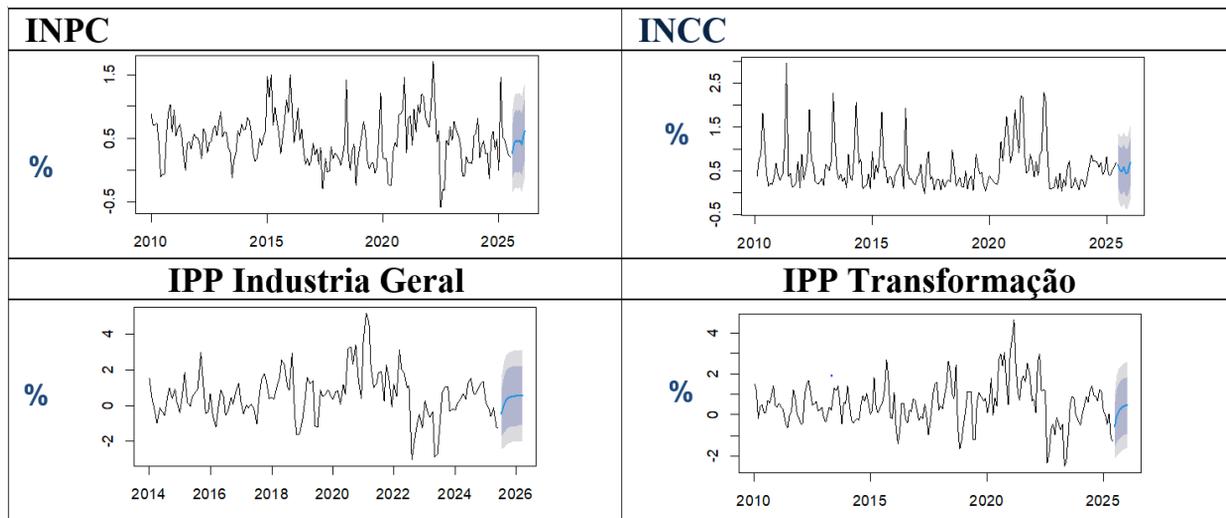
O preço do cobre recuou 4,32% em julho, revertendo os ganhos anteriores. A queda foi influenciada por uma combinação de fatores macroeconômicos, com destaque para a divulgação de dados fracos da atividade industrial na China, que geraram preocupação sobre a demanda futura. Conforme relatado pela Reuters, o fortalecimento do dólar e um aumento nos estoques monitorados pela LME e pela SHFE também pressionaram as cotações, sinalizando um mercado físico menos apertado e aumentando o sentimento de aversão ao risco entre os investidores.

O estanho registrou queda de 3,09% em julho, corrigindo parte da forte alta do mês anterior. O principal fator para o recuo, segundo agentes de mercado, foi o alívio nas restrições de oferta, com a notícia de que a Indonésia, um dos

maiores produtores mundiais, retomou as licenças de exportação que estavam paralisadas. Pelo lado da demanda, analistas apontam para uma moderação no ritmo de crescimento do setor de semicondutores e eletrônicos, o que reduziu a urgência das compras no mercado à vista.

O preço do chumbo caiu 4,20% no mês de julho, pressionado principalmente por fatores sazonais e pelo aumento dos estoques. A demanda no mercado de baterias automotivas de reposição, principal uso do metal, entrou em um período de calma de verão no Hemisfério Norte, reduzindo o consumo. Esse movimento coincidiu com um aumento nos estoques da LME, após meses de quedas contínuas, o que diminuiu a percepção de aperto na oferta e contribuiu para a realização de lucros por parte dos investidores.

## Indicadores de inflação



Fonte: Elaborado pelos autores;

A estimativa para o INPC acumulado em 2025 é de 5,2%, com intervalo de confiança entre 3,3% e 7,91%. O IPP da Indústria de Transformação projeta queda de 1,0%, variando entre -8,23% e 6,06%, enquanto o IPP da Indústria Geral aponta retração de 1,2%, com

flutuação entre -9,39% e 7,95%. Já o INCC deve registrar alta de 7,61%, com possíveis variações entre 4,8% e 10,49%. A comparação entre IPP e INPC sugere queda nos preços ao produtor e possível ganho no poder de compra dos consumidores.

## Indicadores de inflação

Setor	Out. 23 - Jun.25
METALURGIA	
FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE METAL, EXCETO MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	
FABRICAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE INFORMÁTICA, PRODUTOS ELETRÔNICOS E ÓPTICOS	
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS, APARELHOS E MATERIAIS ELÉTRICOS	
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	
FABRICAÇÃO DE VEÍCULOS AUTOMOTORES, REBOQUES E CARROCERIAS	
FABRICAÇÃO DE OUTROS EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE, EXCETO VEÍCULOS AUTOMOTORES	
INPC	

Fonte: Elaborado pelos autores

## Indicadores de inflação

### Taxas de IPCA, INPC e IGP-DI – 2025 (fev/25 – jul/25)

Mês/ano	IPCA (%)	INPC (%)	IGP-DI (%)
fev/25	1,31	1,48	1,00
mar/25	0,56	0,51	-0,50
abr/25	0,43	0,48	0,30
mai/25	0,26	0,35	-0,85
jun/25	0,24	0,23	-1,80
jul/25	0,26	0,21	-0,07
Acum. 12 Meses	5,23	5,13	2,91

Fonte: IBGE e FGV

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) do mês de julho foi de 0,26%, 0,02 ponto percentual (p.p.) acima da taxa de 0,24% de junho. No ano, o IPCA acumula alta de 3,26% e, nos últimos 12 meses, o índice ficou em 5,23%, abaixo dos 5,35% dos 12 meses imediatamente anteriores. Em julho de 2024, a variação havia sido de 0,38%.

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) teve alta de 0,21% em julho. No ano, o acumulado é de 3,30% e, nos últimos 12 meses, de 5,13%, abaixo dos 5,18% observados nos 12 meses imediatamente anteriores. Em julho de 2024, a taxa foi de 0,26%.

O Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI) caiu 0,07% em julho. No mês de junho, a taxa caíra 1,80%. Com este resultado, o índice acumula queda de 1,82% no ano e alta de 2,91% em 12 meses. Em julho de 2024, o IGP-DI havia registrado alta de 0,83% e acumulava alta de 4,16% em 12 meses.

## (IPEA) Inflação por faixa de renda – Julho

### Inflação por faixa de renda

(Em %)

	Variação mensal			Variação acumulada	
	Mai./25	Jun./25	Jul./25	Ano	Doze meses
IPCA	0,26	0,24	0,26	3,26	5,23
Renda muito baixa	0,38	0,20	0,19	3,38	5,34
Renda baixa	0,36	0,21	0,23	3,38	5,43
Renda média-baixa	0,31	0,23	0,23	3,33	5,31
Renda média	0,24	0,24	0,26	3,24	5,19
Renda média-alta	0,21	0,27	0,27	3,32	5,16
Renda alta	0,08	0,28	0,44	3,04	5,04

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).

Obs.: IPCA – Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo.

Fonte: Carta de Conjuntura IBGE/IPEA.

Os dados do Indicador Ipea de Inflação por Faixa de Renda revelam que, em julho, na margem, a taxa de inflação manteve-se estável para as classes de rendas baixas e médias, mas apontou forte aceleração no segmento de renda alta. Em comparação, enquanto a inflação apurada no segmento de renda muito baixa permaneceu praticamente inalterada entre junho (0,20%) e julho (0,19%), a taxa observada na faixa de renda alta avançou de 0,28% para 0,44% no mesmo período. Assim como ocorrido no mês anterior, a queda dos preços dos alimentos no domicílio (-0,69%) foi o principal fator de alívio inflacionário, em julho, beneficiando especialmente as famílias de menor poder aquisitivo, e mitigando, inclusive, o impacto exercido pelo aumento da tarifa de energia elétrica (3,0%). Desse modo, a leve deflação de alimentos foi suficiente para estabilizar a inflação vivenciada pelas classes de renda baixa e média

em relação às demais. Já para a classe de renda alta, além de se beneficiarem proporcionalmente menos da deflação dos alimentos, os reajustes de 19,9% das passagens aéreas e de 1,6% dos serviços de recreação explicam a aceleração da inflação em julho.

Nota-se, no entanto, que mesmo diante de uma alta mais moderada em julho, no acumulado do ano, as faixas de renda muito baixa e baixa são as que apresentam a maior taxa de inflação (3,4%), pressionada, sobretudo, pelas altas dos alimentos no domicílio (2,9%), da energia elétrica (10,2%) e das passagens de ônibus urbano (6,7%). Em contrapartida, a faixa de renda alta é a que aponta a taxa menos elevada (3,0%), beneficiada pela queda das tarifas aéreas (13,6%).

## (IPEA) Indicador Mensal de FBCF - Maio

### Taxas de crescimento do Indicador Ipea mensal de FBCF (Em %)

	Contra período anterior dessazonalizado <sup>1</sup>				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Mar./25	Abr./25	Mai./25	Trim. <sup>2</sup>	Mar./25	Abr./25	Mai./25	Trim.	No ano	Em doze Meses
<b>FBCF</b>	-9,8	0,2	-0,4	-3,0	2,7	1,5	5,6	3,3	6,9	8,5
<b>Máquinas e equipamentos</b>	-18,7	2,2	-1,4	-5,8	-0,6	-1,4	4,6	0,9	10,5	11,9
<b>Nacionais</b>	3,5	2,9	0,3	2,7	-5,4	-6,4	1,4	-3,4	-1,2	3,4
<b>Importados</b>	-46,4	-4,3	-1,6	-22,1	8,8	8,4	10,5	9,2	34,1	28,6
<b>Construção civil</b>	0,1	0,5	1,3	2,5	3,6	1,7	6,3	3,9	3,1	5,2
<b>Outros ativos fixos</b>	1,2	1,0	0,0	2,5	8,3	7,7	6,1	7,3	8,1	11,7

Fonte: Ipea.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Sazonalmente ajustado pelo IPEA (método X-13).

<sup>2</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Fonte: Carta de Conjuntura IBGE/IPEA.

O Indicador Ipea de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), que agrega os investimentos em máquinas e equipamentos, na construção civil e em outros ativos fixos, recuou 0,4% na comparação entre maio e abril, na série com ajuste sazonal. O resultado sucedeu à alta de 0,2% ocorrida no período anterior. Com isso, o trimestre móvel encerrado em maio registrou queda de 3,0% na comparação dessazonalizada. Nas comparações com os mesmos períodos de 2024, o indicador mensal apresentou crescimento de 5,6% em maio e alta de 3,3% no trimestre móvel. No acumulado em doze meses, por sua vez, os investimentos totais tiveram uma expansão de 8,5%.

Na comparação com ajuste sazonal, os

investimentos em máquinas e equipamentos – medidos segundo o conceito de consumo aparente, que corresponde à produção nacional destinada ao mercado interno acrescida das importações – apresentaram um recuo de 1,4% em maio, encerrando o trimestre móvel com queda de 5,8%. Quanto a seus componentes, enquanto a produção nacional avançou 0,3%, as importações caíram 1,6%. Já na comparação em médias móveis, enquanto a produção nacional cresceu 2,7%, as importações retrocederam 22,1%. No acumulado em doze meses, o consumo aparente (ou a demanda interna) de máquinas e equipamentos registrou um crescimento de 11,9%.

## (IPEA) Consumo aparente de bens industriais - Maio

### Consumo aparente de bens industriais *versus* produção industrial (PIM-PF)

(Em %)

	Mês/Mês anterior dessazonalizado <sup>1</sup>				Mês/Igual mês do ano anterior				Acumulado	
	Mar./25	Abr./25	Maio/25	Trim. <sup>2</sup>	Mar./25	Abr./25	Maio/25	Trim. <sup>1</sup>	No ano	Em doze meses
Consumo Aparente	0,1	-0,6	0,2	0,9	4,5	0,8	4,5	3,3	4,7	6,3
Bens Nacionais	2,0	-1,0	0,3	1,1	4,0	-0,4	3,0	2,2	2,1	3,1
Bens Importados	-6,5	-0,3	0,0	1,6	6,2	5,6	9,8	7,2	14,5	17,9
Produção Industrial (PIM-PF)	1,2	-0,2	-0,5	1,0	3,4	-0,5	3,3	2,1	1,8	2,8

Fonte: Ipea, IBGE e Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (Funcex).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Dimac/Ipea).

Notas:

<sup>1</sup> O procedimento de ajuste sazonal é realizado não apenas nos componentes, mas também na série de consumo aparente e, portanto, não é possível assegurar que a aditividade seja preservada.

<sup>2</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Fonte: Carta de Conjuntura IBGE/IPEA.

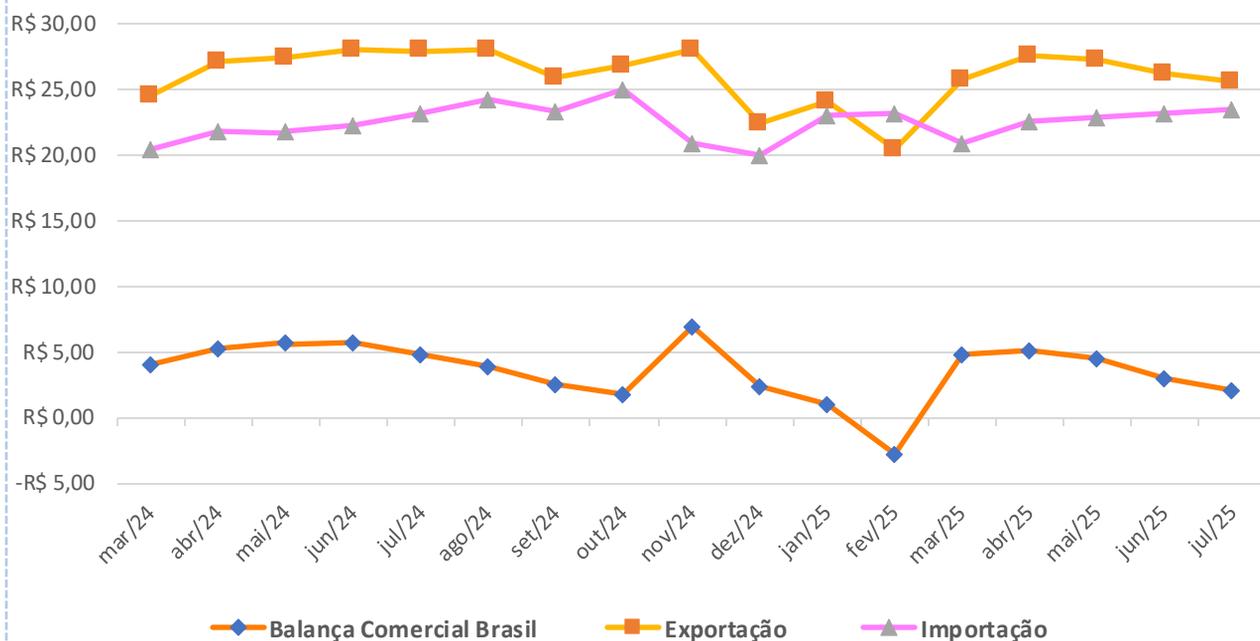
O Indicador Ipea Mensal de Consumo Aparente de Bens Industriais avançou 0,2% na comparação entre maio e abril na série com ajuste sazonal. O indicador é uma *proxy* da demanda interna por bens industriais – definido como a parcela da produção industrial doméstica destinada ao mercado interno, acrescida das importações. Esse resultado ocorreu em razão da alta de 0,3% da produção interna destinada ao mercado nacional (bens nacionais), enquanto as importações de bens industriais permaneceram estáveis, conforme mostra a tabela 1.

A alta na série dessazonalizada sucedeu recuo de 0,6% em abril. Com isso, o trimestre móvel encerrado em maio cresceu 0,9% na margem, quando comparado com aquele

encerrado em fevereiro. Na comparação interanual, enquanto o indicador mensal subiu 4,5% em relação a maio de 2024, o indicador em médias móveis trimestrais aumentou 3,3%. No acumulado em doze meses, a demanda por bens industriais registrou alta de 6,3% em maio, contrastando com a elevação de 2,8% da produção interna, medida na Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PIM-PF/IBGE).

## Balança comercial

Brasil (Em Bilhões)



Fonte: Comex Brasil

Em julho de 2025, a balança comercial brasileira apresentou retração de 31,05% em relação a junho e de 55,89% frente ao mesmo mês de 2024. O resultado foi influenciado pela combinação de queda de 2,47% nas exportações e aumento de 1,29% nas importações no mês. Na comparação anual, a tendência se repetiu: as vendas externas recuaram 8,49%, enquanto as compras do exterior avançaram 1,25%.

No acumulado de janeiro a julho, as exportações brasileiras somaram US\$ 198 bilhões, registrando leve alta de 0,1% sobre igual período de 2024. Já as importações cresceram 8,3%, alcançando US\$ 161 bilhões.

No comércio com os Estados Unidos, as

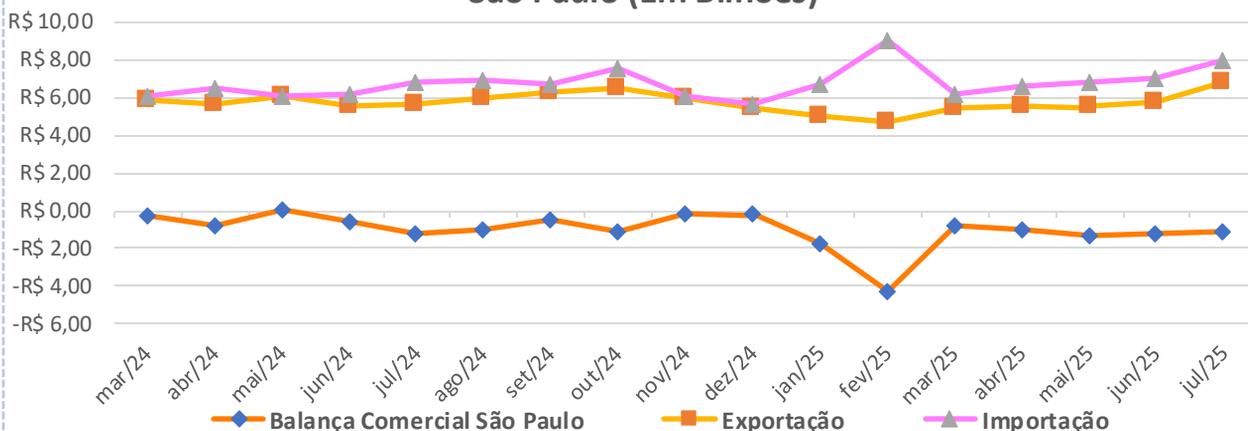
exportações permaneceram praticamente estáveis, com pequena elevação de 3,8%, enquanto as importações de produtos americanos avançaram 18% no mês.

## Balança comercial

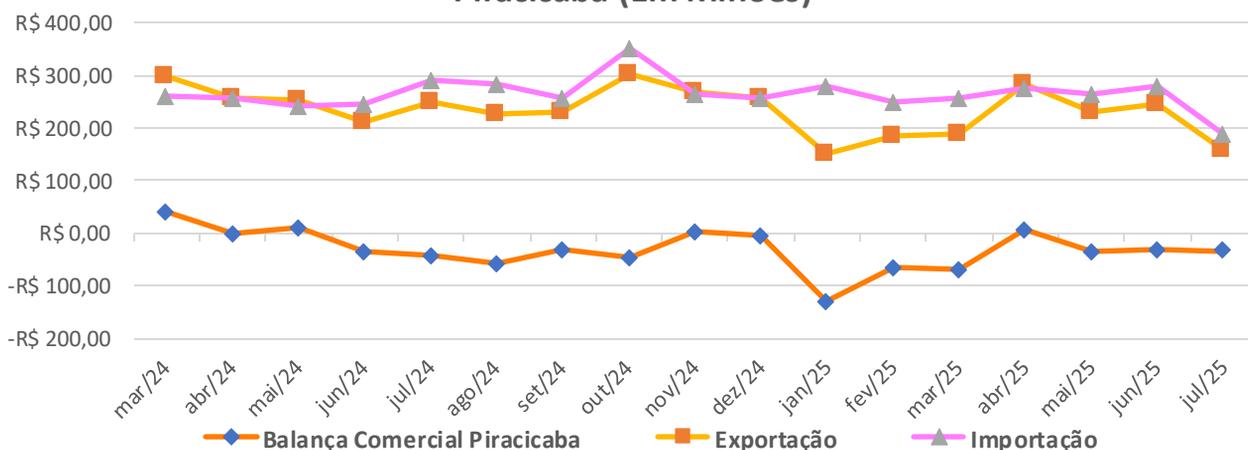
Em julho de 2025, a balança comercial do estado de São Paulo apresentou crescimento de 8,49% em relação a junho, resultado impulsionado pelo avanço das exportações (18,00%) e também das importações (13,29%). Esse desempenho contribuiu para a recuperação parcial das transações comerciais paulistas no mês. Na comparação anual, em relação a julho de 2024, o saldo também foi positivo, com alta de 3,58%, acompanhada pelo aumento de 20,73% nas exportações e de 16,51% nas importações.

No caso de Piracicaba, o desempenho foi mais modesto. O município registrou expansão de 1,37% na balança comercial frente a junho de 2025, reflexo da queda simultânea de 35,97% nas exportações e de 31,64% nas importações. No comparativo anual, entretanto, o resultado foi negativo: a balança comercial piracicabana recuou 25,76%, em razão das reduções de 36,30% nas exportações e de 34,71% nas importações.

São Paulo (Em Bilhões)



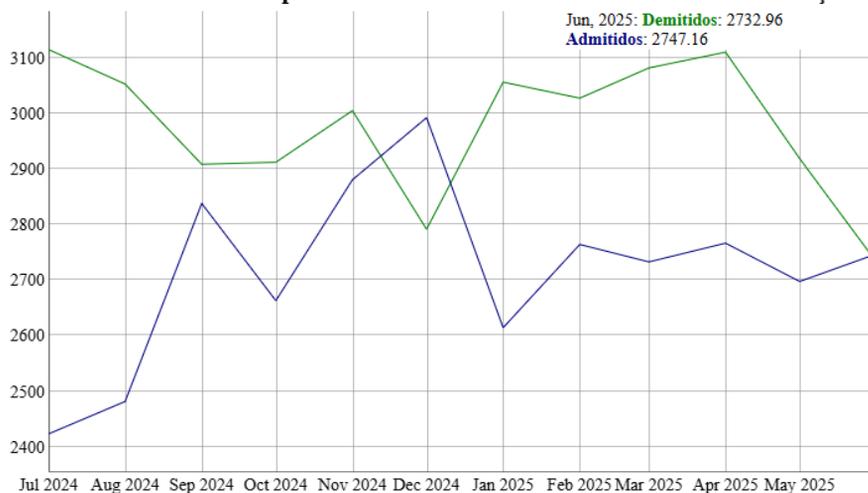
Piracicaba (Em Milhões)



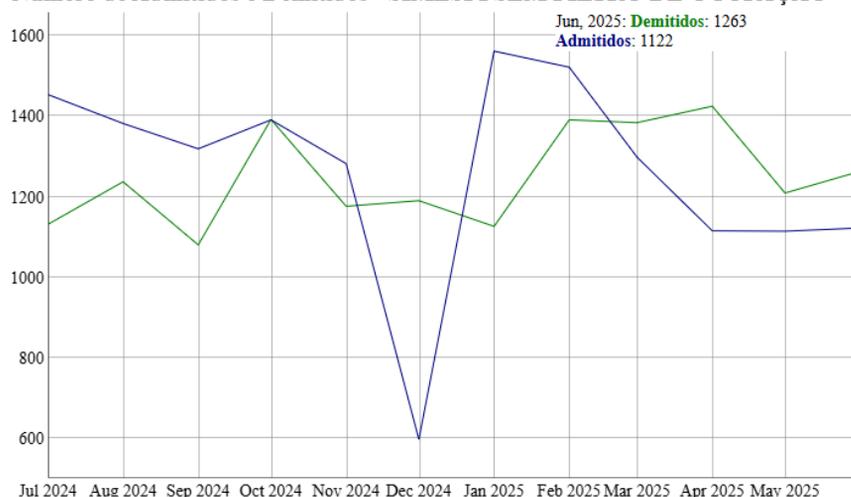
Fonte: Comex Brasil

## Mercado de Trabalho

**Sálario médio deflacionado pelo INPC - SIMESPI COM FILTRO DE OCUPAÇÃO**



**Número de Admitidos e Demitidos - SIMESPI SEM FILTRO DE OCUPAÇÃO**



Fonte: SIMESPI

Apesar do mercado de trabalho possuir mais demissões do que admissões os salários pagos pelas industrias dos segmentos das associadas ao SIMESPI possui comportamento

favorável. Os salários pagos aos trabalhadores que adentram o setor metal mecânico está em com tendência de aumento, contrário ao pago aos demitidos.

## Glossário

Nas análises realizadas no Boletim de Conjuntura Industrial do Painel Econômico ESALQ-USP, a equipe usualmente utiliza indicadores, índices e estatísticas econômicas para embasar o quadro da economia no momento. Entretanto, a intenção do Boletim é proporcionar informações de fácil acesso e interpretação para nossos leitores, mesmo que esses não sejam da área mais técnica da ciência econômica. Portanto, esse glossário têm como objetivo explicar alguns termos e os indicadores utilizados nesse Boletim.

Os **indicadores econômicos** representam essencialmente dados e/ou informações "sinalizadoras" ou "apontadoras" do comportamento (individual ou integrado) das diferentes variáveis e fenômenos componentes de um sistema econômico de um país, região ou estado (LOURENÇO *et al.*, 2002). Ou seja, os indicadores econômicos são medidas de como a economia está em determinado escopo temporal. Dentre os indicadores utilizados no Boletim, destacam-se:

**-ICEI:** Pesquisa cm índice de difusão (varia entre 0 e 100) que metrifica a confiança dos empresários industriais. Por meio desta, é possível identificar tendências da indústria e a propensão do empresariado à reter ou realizar novos investimentos.

**-Horas trabalhadas na produção:** Índice de base fixa (Ano 2006 = 100), mede o total de horas efetivamente trabalhadas pelo pessoal

empregado na produção.

**-Emprego industrial:** Índice de base fixa (Ano 2006 = 100), que mede o total de pessoas empregadas em atividade industrial, diretamente ou indiretamente ligadas ao processo produtivo.

**-Produção de aço no Brasil:** Analisa o volume total de aço fabricado em determinado período, avaliando a atividade da indústria siderúrgica, a demanda por aço e o nível de produção industrial, no Brasil. O indicador utiliza dados das estatísticas mensais, publicados pelo Instituto Aço Brasil.

**-Comercialização de aço no Brasil:** Analisa a comercialização total de aço no Brasil, envolvendo principalmente o consumo aparente, vendas internas, exportações e importações de produtos siderúrgicos, possibilitando entender as dinâmicas de consumo no setor siderúrgico brasileiro e tendências futuras. O indicador utiliza dados das estatísticas mensais, publicados pelo Instituto Aço Brasil.

**-Indicadores de inflação:** Indicadores como o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), Índice Nacional de Preços ao Consumidor e Índice Geral de Preços – Disponibilidade Interna (IGP-DI), permitem acompanhar a flutuação de preços em diversos cenários.

**-Previsão dos preços de aço:** Previsão do preço de nove tipos de aço, elaboradas em software estatístico pelos autores.

## Glossário

**-Indicadores de produção:** Coletados pelo IBGE na Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física são uma medida aproximada da evolução de curto prazo do valor adicionado da indústria no mês de referência

**-Bens de capital:** Produção de bens que serão utilizados como meio de produção de outros bens.

**-Bens intermediários:** Bens utilizados na produção de outros bens, mas em forma de insumos em um processo produtivo.

**-Bens de consumo:** Bens adquiridos e utilizados diretamente pelo consumidor final, como itens de alimentação, vestuário e eletrodomésticos, entre outros.

**-Formação bruta de capital fixo:** Mede quanto as empresas aumentaram seus bens de capital, ou seja, aqueles bens que servem para produzir outros bens (IPEA, 2004). O indicador utilizado no Boletim é o indicador mensal de FBCF do IPEA, sendo encontrado nas Cartas de Conjuntura do instituto.

**-Consumo aparente de bens industriais:** O indicador é uma representação aproximada da demanda interna por bens industriais – definido como a parcela da produção industrial doméstica destinada ao mercado interno, acrescida das importações (IPEA). O indicador é calculado, também, pelo IPEA e pode ser encontrado na Carta de Conjuntura.

**-Utilização da capacidade instalada:** Porcentagem média da utilização da capacidade

industrial instalada, podendo variar de 0% a 100%.

**-Indicadores do preço:** Variação mensal e acumulada do preço de 26 tipos de aço, entre nacionais e importados, coletados no INFOMET.

**-Preços dos metais (LME):** Preço de diversos metais de base negociados na bolsa de metais de Londres, coletados geralmente no último dia do mês de referência.

**-Balança comercial:** Estatísticas acerca do comércio exterior realizado pelo Brasil. O resultado da balança comercial é igual à diferença entre as exportações e importações realizadas no período, sendo negativa quando há mais importações do que exportações, e positiva quando o contrário acontece.

Os indicadores utilizados pelo boletim são expressos de diversas maneiras, como em percentual de variação e índice, podendo ser dessazonalizados ou não:

**-Percentual de variação:** Variação em porcentagem em relação ao período anterior. Ex: Indicadores de preço, Indicadores de produção.

**-Índice:** Indicador que utiliza os dados de um período, chamado de base fixa, como ponto de partida. Geralmente, atribui-se à base fixa o número 100. Assim, um índice de 110 indicaria um aumento de 10% em relação ao período base.

**-Dessazonalização:** Eliminação estatística do efeito de eventos sazonais, como as estações, datas comemorativas, safra, entre outros, afim de verificar variações reais.



## Expediente

O Boletim de Conjuntura Industrial de Piracicaba é elaborado mensalmente pelo Grupo de Extensão em Economia e Gestão e Desenvolvimento sustentável – GEEDES e Grupo de Extensão e Pesquisa em História e Evolução da Agricultura e dos Complexos Agroindustriais – GEPHAC.

## Autores

Carlos Eduardo de Freitas Vian  
Bruno Pissinato  
Cristiane Feltre  
Carlos Henrique de Araujo  
Guilherme Schnoveber Assunção  
Pedro Henrique Riguetto  
Samuel Darck  
Victório Meireles Clais

## SIMESPI

Gestão 2023 - 2025  
Presidente: Érick Gomes  
1º Vice-Presidente: Paulo Estevam Camargo  
2º Vice-Presidente: André Simioni



**Boletim de  
Conjuntura  
Industrial**

Piracicaba